AMOK

Novela de uma paixão

STEFAN ZWEIG

TRADUÇÃO
Ana Rita Cruz

CLÁSSICOS GUERRA & PAZ

Frans Masereel,
o artista, o amigo fraterno

Salzburgo, Primavera de 1922

Abre-te, submundo das paixões:
Molda-te em formas, sonhadas e também sentidas,
Deixa que os teus lábios se unam aos meus,
Bebe o sangue do meu sangue e respira o ar da minha boca!

Sai das tuas trevas crepusculares
E não te envergonhes do tormento que te ensombra!
Quem ama o amor não quer perder o seu sofrimento,
O que te aflige é o que me traz até ti.

Só a paixão que encontra o seu abismo
Se deixa arder até à sua última essência.
Só aquele que se perde completamente se entrega a si mesmo.

Por isso, inflama-te! Só quando te inflamares,
Conhecerás o mundo das tuas profundezas:
Só onde há mistério é que a vida começa.

ÍNDICE

Nota à presente edição 15

Amok 19

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO

Publicado pela primeira vez em 1922 no jornal *Neue Freie Presse*, a que Stefan Zweig chamou «o oráculo dos meus pais e o templo dos sumos sacerdotes», *Amok*, no original *Der Amokläufer*, ganhou o seu título de um termo malaio, referindo-se a um atleta com um amoque – os franceses subtitularam-no «O Louco da Malásia».

Mas o que é um amoque? Nada mais do que um delírio de furor homicida seguido de um estado de abatimento, que se observa em certos opiómanos da Malásia. Quando uma pessoa está com um amoque, é acometida de uma raiva cega que o faz correr em frente, sempre em frente, matando tudo o que se encontrar no seu caminho.

Stefan Zweig, um fascinado pela obra do amigo Sigmund Freud, inclui nesta novela claros elementos psicanalíticos, tratando o tema da obsessão extrema e como isso influencia a vida profissional e privada do protagonista. Como Romain Rolland escreveu, no prefácio à primeira edição francesa, em Novembro de 1926, *Amok* é uma «das mais lúcidas tragédias da vida moderna, da humanidade eterna [...] com o seu cheiro de febre, sangue, paixão e delírio malaio».

Dedicado a Frans Masereel, artista e amigo fraterno, *Amok* descreve, ainda nas palavras de Romain Rolland «o inferno da paixão (*Unterwelt der Leidenschaften*), no fundo

do qual se contorce o ser essencial, a vida oculta, queimada, ainda que iluminada pelas chamas do abismo».

Stefan Zweig nunca foi um autor unânime, mas foi muito popular internacionalmente, tendo, segundo as suas próprias palavras, sido «um dos dez únicos autores de língua alemã que se podiam dar ao luxo de estar na sua situação». A sua escrita simples, mas carregada de realismo, transmite emoções e estados psicológicos através de personagens levadas ao limite, cujas vidas se esboroam em consequência da concupiscência.

Este *Amok* é uma história dentro de uma história, contada por um narrador a quem relatam um acontecimento. Um narrador anónimo, que não é nem o protagonista nem uma testemunha relevante, mas um mero veículo através do qual é dado a conhecer ao leitor «um estranho acidente» e a sua possível, apenas possível, explicação – e é esta dúvida que fica para o leitor resolver.

Mergulhando-nos num abismo sombrio de luxúria, remorso e loucura, *Amok* confronta-nos, na desértica e fantasmagórica escuridão do convés de proa de um vapor transatlântico, que apanhamos em Calcutá e nos deixará em Génova, com a ideia do dever de tentar ajudar e dos seus limites.

Escrita entre o tumultuoso relato das trevas que vão na alma do segundo narrador – incapaz de parar para recuperar o fôlego – e a melancolia do primeiro narrador – preso num espaço em que tudo o perturba e restringe –, é criada, página a página, uma atmosfera opressiva e sinistra com as aparições espectrais, fugidias e parciais da personagem que narra a sua própria história.

Em *Amok*, Stefan Sweig traça um ténue e perigoso fio entre a realidade e a irrealidade (o que é verdade e o que é fantasia?), o lógico e o absurdo (poderá o relato ser confiável considerando o estado de saúde mental do segundo narrador?), a razão e a loucura (é plausível a auto-análise de um médico sobre o seu próprio estado de amoque ou será apenas perigoso?), o dever de guardar um segredo e o alívio que a sua confissão pode trazer.

Stefan Zweig, segundo Romain Rolland «o artista nato» para quem «a vida é a substância da arte; e a arte é o olhar que mergulha no coração da vida» e cuja «curiosidade incessante e nunca saciada» e «busca febril de descobrir os segredos dos grandes homens, das grandes paixões, das grandes criações, o que eles escondem do público» o armou com «a chave do conhecimento» e com «todas as características da "paixão carnal", de que tem fome», «tal como tem fome das horas de fusão em que se resolve a dualidade entre *Elut* e *Geist*, entre o instinto vital e o espírito, que o preocupa», consegue, com a sua mestria, criar um efeito verbal de amoque, infectando-nos com um pouco da mesma febre, com o ritmo frenético e impulsivo de descontrolo nervoso que assola o narrador anónimo, envolvendo-nos com «a vegetação rasteira do coração, a confusão dos sentimentos» nas «almas destruídas pelo choque, momentânea ou definitivamente, e que abrem mão do seu segredo ao sucumbirem.»

Poderá a possibilidade de uma explicação, incerta, intuída, deixada em aberto, fazer da confissão um remédio em si, um bálsamo para os sentidos exauridos dos narradores?

A presente edição

A presente edição de *Amok* é uma versão elaborada a partir da consulta, além do original alemão *Der Amokläufer: Novellen einer Leidenschaft*, de traduções de língua inglesa, francesa e espanhola.

Amok

Em Março de 1912, no decorrer das operações portuárias de um grande vapor transatlântico no porto de Nápoles, ocorreu um estranho acidente, sobre o qual os jornais publicaram extensas reportagens, ainda que bastante fantasiosas. Embora fosse um dos passageiros desse vapor, o *Oceania*, não o testemunhei, como, aliás, o não fez nenhum dos demais passageiros, por ter ocorrido ao serão, enquanto o carvão era levado para bordo e a carga desembarcada, pelo que, para fugir ao barulho, todos havíamos ido a terra passar o tempo em cafés ou teatros. No entanto, acredito que algumas das conjecturas a que não dei voz na altura fornecem a verdadeira explicação desse sensacional acontecimento e que, tendo já passado alguns anos, ser-me-á permitido agora relatar uma conversa que tive em confidência antes do curioso episódio.

*

Quando me dirigi à companhia de navegação de Calcutá com o intuito de reservar a minha viagem de regresso à Europa no *Oceania*, o funcionário encolheu os ombros em sinal de lamento. Não sabia se me poderia arranjar um camarote; nessa altura do ano, com a estação das chuvas iminente,

era provável que viesse da Austrália já esgotado, e teria de esperar um telegrama de Singapura para me responder. No dia seguinte, ficou contente ao saber que ainda me conseguia reservar um camarote, embora este fosse menos confortável, abaixo do convés e a meio do navio. Como estava ansioso por regressar a casa, não hesitei muito e aceitei.

O funcionário não me enganara. O navio a vapor estava apinhado de gente e o meu camarote era mau: um exíguo e apertado rectângulo perto do motor, iluminado apenas pela fraca luz que passava através de uma vigia circular. O ar pesado e estagnado cheirava a gordura e a mofo, pelo que não tinha como não usar a ventoinha eléctrica que zumbia como um morcego de metal enlouquecido em círculos por cima da minha cabeça. Abaixo de mim, os motores rangiam e gemiam como um carregador de carvão sem fôlego condenado a subir constantemente o mesmo lanço de escadas e, por cima, ouvia o som constante de passos pesados a deambularem pelo tombadilho. Mal arrumei a minha bagagem entre as vigas encardidas do meu fétido túmulo, regressei ao convés para fugir daquele camarote e, assim que ascendi das profundezas, saboreei o suave e doce vento que soprava, como se fosse ambrósia, sobre as ondas vindas de terra.

No entanto, também o tombadilho estremecia e rangia, apinhado e agitado pela multidão que tagarelava sem cessar, apressando-se de um lado para o outro com o nervosismo inquieto dos confinados à inacção num espaço fechado. Os gracejos chilreantes das mulheres, o incansável vaivém no estreito convés, onde, em frente das espreguiçadeiras, bandos de passageiros desassossegados passavam uma e outra vez para se cruzarem em tagarelices com as